

Ano XVII / N.º 707
De 19 de Novembro
a 2 de Dezembro de 1997
320\$00
(IVA incluído)
Quinzenário

Director
José Carlos
de Vasconcelos



JORNAL
DE LETRAS,
ARTES
E IDEIAS

INQUÉRITO
CULTURA: DOIS
ANOS EM BALANÇO

PEDRO COSTA
«OSSOS», O LADO
SOMBRIO DE NÓS



JOSÉ CARDOSO PIRES
LISBOA E TEJO E TUDO

LISBOA EM LIVRO(S)

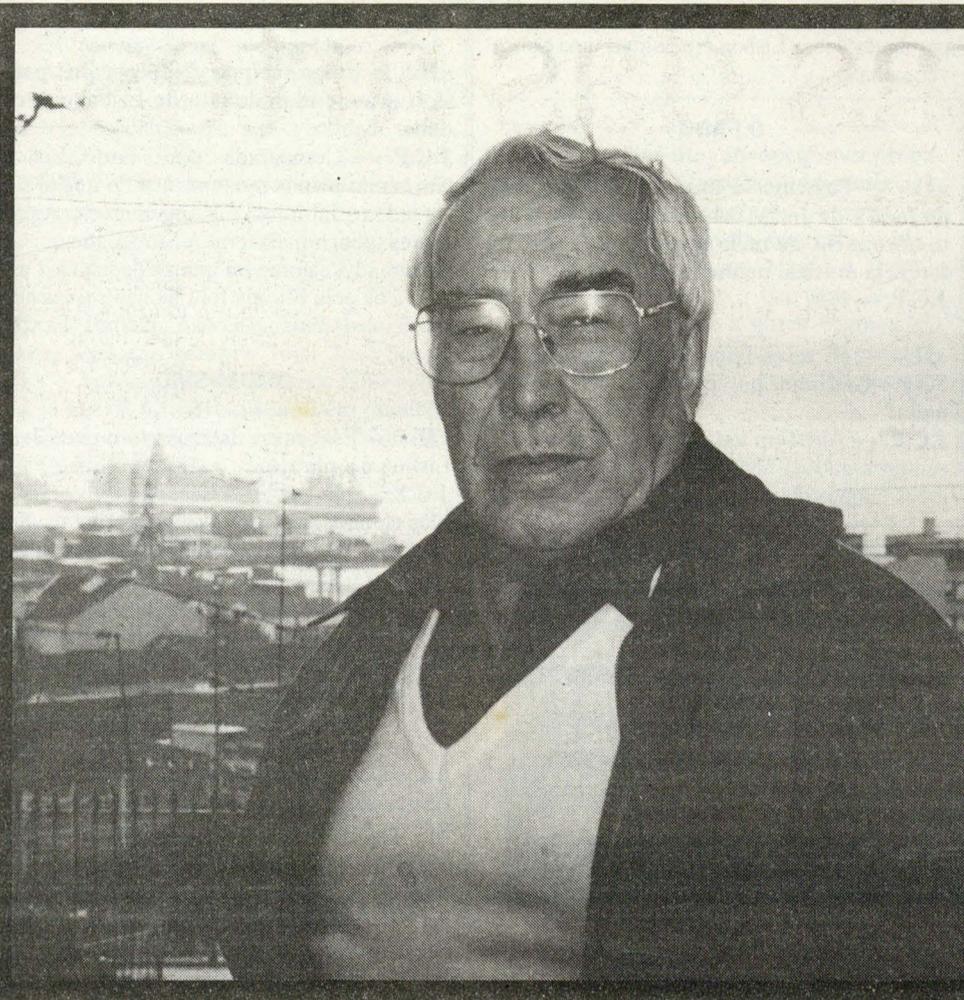


FOTO DE JOÃO RIBEIRO

O lançamento de um novo livro de José Cardoso Pires — tão rigoroso, tão exigente consigo próprio, e também por isso passando muitos anos sem editar —, é sempre um acontecimento. Ora, no próximo dia 27, quinta-feira (às 19 horas, nos Paços do Concelho), vai ser lançada, com a chancela da D. Quixote, a edição portuguesa do seu «Lisboa — Livro de Bordo», de que aliás já foram apresentadas, na Feira de Frankfurt, as edições alemã, italiana (as duas com prefácio de Antonio Tabucchi) e francesa, com o patrocínio da Expo'98. O que justifica uma entrevista, na qual se fala muito da obra e do seu tema.

Boa ocasião também para lembrar alguns olisipógrafos e outros livros sobre Lisboa. Desde logo o pequeno guia de Fernando Pessoa, lido pela prestigiosa pessoana, também prof.^a e poeta, Teresa Rita Lopes. Além disso, Marina Tavares Dias, jornalista e olisipógrafa, actualmente decerto a de mais vasta obra publicada, fala dos seus próprios livros, enquanto Appio Sottomayor, também jornalista e militante especialista da matéria, escreve sobre os grandes nomes dos estudos olisipográficos. Noticiamos ainda alguns livros recentes sobre a nossa capital, que teve ao longo dos tempos muitos criadores e estudiosos que sobre ela escreveram — e aqui poderíamos falar (deveríamos, se o espaço o permitisse), para não ir mais atrás, desde do «Guia» de Raul Proença ao volume de Alice Vieira, com fotos de António Pedro Ferreira, sem esquecer as páginas que José Saramago lhe dedica no seu «Viagem em Portugal».

JOSÉ CARDOSO PIRES

Cidade, minha cúmplice

RODRIGUES DA SILVA

Aos 72 anos, José Cardoso Pires volta a um dos seus amores de sempre: Lisboa. A cidade onde nasceu? Não. A cidade que é a sua desde os oito dias de vida, já que, nascer, nasceu ele em S. João do Peso (Castelo Branco), onde a mãe fez questão de ter todos os quatro filhos. Histórias que Cardoso Pires já muito contou. Agora, o que — em «Lisboa, Livro de Bordo. Vozes, olhares, memorações» (Publicações Dom Quixote) — ele conta é algo de diferente: a história de uma cumplicidade. De um lisboeta com Lisboa. Como, aqui, ele largamente expõe.

«Jornal de Letras» — Como lhe surgiu a ideia deste livro?

José Cardoso Pires — Quando Lisboa foi Capital Europeia da Cultura [1994] comecei a pensar em escrevê-lo. E escrevi uma primeira versão, maior (como sempre). Mas deixei ficar. No ano passado decidi repegar-lhe. E interessei-me. As ilustrações vieram depois. Todas escolhidas por mim, com *lay-out* do Henrique Cayatte, que é um bom *designer*. Pelo meio descobri uma coisa inesperada. Julgava que havia muita boa ficção sobre Lisboa. Não há.

A boa, de qualidade, é muito pouca. Falando de escritores vivos, há um livro notabilíssimo, «Casas Pardas», da Maria Velho da Costa, com diálogos e achados de transmissão sonora fantásticos, que fazem do livro uma das melhores coisas que se escreveram em literatura portuguesa. Há um Diniz Machado [«O que diz Molero»]. Há toda a Benfica, toda uma Lisboa rasgada aos bocados, antes e depois da guerra colonial, e uma infância contada pelo António Lobo Antunes. E haverá mais um ou outro.

«JL» — Esta sua «Lisboa» é uma geografia sentimental de sítios. Pelos quais, curiosamente, a sua vida não passa. É por pudor?

J.C.P. — Talvez. Mas no meu livro «A Cavalo no Diabo» [crónicas, 1994], falo nisso: na Avenida Almirante Reis, nos imperadores do Chile, nos bailes, na Lisboa nocturna, a minha vida. Neste livro quis fazer outra coisa: uma espécie de levantamento que desse, com toda a sinceridade, o modo como sinto Lisboa. E é aí que o livro me parece muito diferente da Lisboa convencional do Tejo que é bonito, etc. Há ainda coisas que faltam e que espero trabalhar numa próxima edição: a sintaxe lisboeta. Está abordada, mas não aprofundada. E os cheiros...

«JL» — Refere alguns.

J.C.P. — Mas há muitos mais. Tive a preocupação de não fazer uma coisa exaustiva. Não, como você disse, por pudor. Mas talvez por me sentir pouco à vontade para me meter no meio da cidade. Agarro-me a algo em que estou implícito: ao O'Neill, por exemplo, para mim talvez o maior poeta de Lisboa. E a todo o humor, que é uma das cargas mais importantes que Lisboa tem. Mesmo naquilo a que eu posso chamar a sintaxe urbana de Lisboa, ou seja, a conjugação das ruas, dos relevos e da luz num estilo muito próprio tendente a criar, ou a incentivar, ou a concentrar, o «espírito do lugar». Esse «espírito do lugar» revela-se, entre outras coisas, no discurso lisboeta, já sabemos. Mas ao falar do discurso, não é o linguajar, nem o achado vocabular e, muito menos, o calão que eu aponto como mais-valia. Não, o que deslumbra é a sintaxe — outra sintaxe, esta agora da voz —, a sintaxe em que o lisboeta de raiz assenta a frase, os reforços expletivos, por exemplo, com que ele transmite um humor, e que não é mais do que uma outra expressão do seu «espírito de lugar».

«JL» — O seu livro é também um roteiro

sentimental de escritores. São intermináveis as referências. Até a estrangeiros, e já nem falo de Tabucchi, que é meio luso.

J.C.P. — O Tabucchi tem outro livro espantoso sobre Lisboa, o «Requiem». De um humor incrível. Como é que um toscano apanhou o humor de Lisboa!? O que se passa no livro? Quase nada, mas um tipo sente o Verão de Lisboa, o calor de Lisboa, o deserto que é a cidade aos domingos. É um romance de Lisboa que só fala de temperaturas.

«JL» — Ainda sobre os escritores de Lisboa, diria que fez quase um dicionário afectivo-literário da cidade...

J.C.P. — É bastante afectivo, é.

«JL» — Sim, mas com algumas ausências que me surpreenderam: Fernão Lopes...

J.C.P. — Pois...

«JL» — Assim como a de alguém com quem julgo deverá ter convivido: José Gomes Ferreira.

J.C.P. — Eu era amigo do Zé Gomes Ferreira. Mas há outro que eu não citei: o José Rodrigues Miguéis. E há uma escritora que não aprofundei nem de longe...

«JL» — Irene Lisboa. Mesmo assim fala nela.

J.C.P. — Mas só uma vez. Eu explico as ausências: a Lisboa de Fernão Lopes nunca me impressionou. Para mim faltou-lhe sempre um alvo poético.

«JL» — Mas fala de Francisco de Holanda.

J.C.P. — Esse tem. Como o outro, da minha paixão: Damião de Góis. Acho que você tem razão. E até convém que isso fique, porque quando fizer a reedição vou pensar nesse lado. Mas eu quis agarrar-me a uma Lisboa viva, a de agora. Há poetas extraordinários que escreveram sobre Lisboa. Ruy Belo, por exemplo. Mas o O'Neill era outra coisa: não só a cidade estava nos seus versos como a figura dele era lisboeta. Ninguém teve o humor dele. A Maria Velho da Costa tem-no um bocadinho, mas de modo perverso. O humor do O'Neill era mais livre, mais satisfeito. A Lisboa dele é uma Lisboa que está em mim. A do Zé Gomes [Ferreira] (como a do [José Rodrigues] Miguéis) não tanto. Ele não tinha o humor lisboeta. Ou talvez tivesse, mas o do princípio da República. Não o típico do lisboeta. Como o O'Neill, que era um unha travessa, o pior que havia.

«JL» — Mas ainda há outras ausências: Nuno Bragança, por exemplo.

J.C.P. — Era um amigo e um escritor de quem gosto muito. Mas a Lisboa dele não me era muito forte. É engraçado: eu jogo muito mais com o «Square Tolstoi» do que com Largo do Rossio.

«JL» — «Square Tolstoi» é mais Cardoso Pires do que «A Noite e o Riso» ou «Directa». Dos escritores vivos, noto as ausências do Abelaira e do Saramago.

J.C.P. — Claro que esta minha Lisboa não é um altar literário, as referências que ela enquadra são as que lhe são mais recentes. A Lisboa de Ricardo Reis não se lhe ajustaria facilmente, como não se ajustou a de Raul Brandão ou de Miguéis. De resto eu neste assunto estou como Nuno Brederode Santos que jura a pés juntos que hoje, como amanhã, haverá sempre mais Lisboas que lisboetas. Olhe há uma pessoa que se quiser escrever sobre Lisboa escreve com certeza uma Lisboa muito próxima da minha: o [Mário] Cesariny. Isto é muito datado.

O METROPOLITANO

«JL» — Não tão datado assim, porque neste livro mete-se pelo Metro e pelas estações mais recentes...

J.C.P. — Sim, sim. Eu quis falar de uma Lisboa que tivesse experimentado. Se fosse fazer um roteiro literário seriam para aí trezentas ou quatrocentas páginas. Ora eu quis fazer uma coisa leve, um ponto de partida para um dia aprofundar. Ou eu ou alguém. Esta Lisboa é a que, tanto quanto possível, foge ao turístico. Claro que acabo com uma coisa muito inspirada em Damião de Góis, mas é uma brincadeira, é o meu gozo pessoal. O que me interessou foi chamar a atenção para a articulação das faces de Lisboa: uns azulejos que se reflectem nas calçadas, as calçadas que entram pelo Metropolitano. E o metropolitano é das coisas mais bonitas que Lisboa tem. E digo-lhe — e gostava que isso saísse na entrevista — tenho muito medo que a política que foi seguida pelo metropolitano seja atraída. Não sei sinceramente quem é que está lá agora, mas tenho muito medo dos pragmatismos económicos, do pensar que este País não está cá para felistrias, letras são tretas e artes são manigâncias. Tenho muito medo que os responsáveis do metropolitano digam: «Vamos lá poupar dinheirinho e fazer disto um canal.» Um canal nocturno, que

é o que acontece em Nova Iorque, em Paris e na maior parte dos metropolitanos do Mundo. Ora o metropolitano de Lisboa é das coisas mais dignas desta cidade. E sobretudo define uma atitude. Estou tão surpreendido que numa cidade suja exista um metropolitano exemplarmente limpo, que tenho medo que os seus actuais responsáveis sejam destituídos de sensibilidade.

«JL» — Todo o seu livro diz bem, todas as referências literárias são elogiosas. Mas há uma besta fera, uma só: Alain Tanner, por causa do filme dele passado em Lisboa, «A Cidade Branca». O que é curioso, porque não fala em mais nenhum cineasta (português ou não), que tenha filmado aqui.

J.C.P. — O Tanner desembarcou cá como um janota da Suíça que veio ver o que é que se passa aqui com estes pobres rapazes do Sul, que não sei que língua falam ou se comem com os pés ou como é que é, esses trogloditas, coitados. E foi ao Casbah. O que é que o filme

quilibrium. Cita não sei quantos escritores para dizer bem, cineastas cita um para dizer mal e esquece os que gosta.

J.C.P. — Isso é verdade. Mas olhe que os filmes que lhe citei agora e mais um ou dois que posso ter esquecido, são excepções. O cinema português sobre Lisboa é péssimo, uma pouca vergonha.

O FADO

«JL» — Passemos à música. No livro fala do fado e de Jorge Peixinho. É um arco alto lá com ele, no meio do qual não cabe referência musical nenhuma.

J.C.P. — Não sei...

«JL» — «É terça-feira / Feira da Ladra». Sérgio Godinho, por exemplo, não lhe diz nada?

J.C.P. — Ah! Tem toda a razão. Mas eu quis centrar a música mais sobre o fado. Desde os meus tempos de jovem, apesar do [Fernando]

«O metropolitano é das coisas mais bonitas que Lisboa tem. E, digo-lhe (...), tenho muito medo que a política que foi seguida pelo metropolitano seja atraída. Não sei sinceramente quem é que está lá agora, mas tenho muito medo dos pragmatismos económicos, do pensar que este País não está cá para felistrias, letras são tretas e artes são manigâncias»

conta de Lisboa? Coisa nenhuma, rigorosamente nada. É totalmente destituído de imaginação. Lisboa surge como uma cidade de faquistas, não tem subtilidade nenhuma, não tem humor, dramatismo, nada. É um mau realizador o sr. Tanner. É uma espécie de queijo Gruyère sem buracos.

«JL» — O que não lhe perdoa é ter dito que Lisboa era branca.

J.C.P. — Tradicionalmente chama-se cidade branca a Tunis. Porque é que Tanner chamou branca a Lisboa? Porque é fácil, porque todo o sapateiro, todo o tipo de imagens rápidas chama-lhe branca. Há bocados de Lisboa que são brancos, mas há muitas cidades mais brancas que Lisboa. O que eu acho espantoso em Lisboa é o que o Pessoa disse dela. E ele nunca disse que era branca, disse sempre que era a cidade das mil cores. E é. Em 94, os responsáveis da Lisboa Capital da Cultura decidiram pintar fachadas do Príncipe Real com as cores mais contrastantes possíveis. Não está lá o ocre pombalino, não está lá aquilo que a Vieira da Silva chamava a Lisboa azul, não está lá o tal branco. Não está lá nada disso. Aquilo é quase uma provocação, mas conseguiu-se apanhar o tom de Lisboa. Resultado: são prédios a seguir uns aos outros com cores contrastantes nas fachadas e é estupendamente lisboeta. Um achado. O que mostra que Lisboa não é assim tão fácil de apanhar, à maneira de Tanner.

«JL» — Mas para si não há mais filmes sobre Lisboa?

J.C.P. — Bons, muito poucos: «Verdes Anos», de Paulo Rocha; «Belarmino», de Fernando Lopes...

«JL» — Então porque só fala no filme do Tanner?

J.C.P. — Porque fiquei chocado com o filme dele. Irritou-me, que é que quer?

«JL» — Só que assim o seu livro fica dese-

Lopes Graça passar a vida a gemer contra o fado, que gosto muito de fado. Mesmo assim, neste meu livro só cito o Marceneiro e o Carlos do Carmo. Não falo na Argentina Santos, não me ocorreu. Também não falo de um certo fado salão de que gosto — Teresa de Noronha, Teresa Silva Carvalho, João Braga. Nem de um certo fado rasca — Frutuoso França, Natalina Bizarro — que tinha muita graça. Quis uma coisa leve, não exaustiva. Chamar a atenção para o lado artístico de Lisboa e para o humor de Lisboa. Um tipo só gosta de uma cidade — e é isso que eu pretendia que se sentisse neste meu livro — quando é cúmplice dela. Interrogar a cidade é fácil, isso qualquer turista faz. Mas um tipo só está a viver numa cidade quando se sente interrogado por ela: «O que é que tu tens a ver comigo?», «Porque é que estás aqui?», «Como é que tu te adaptas?», «Porque é que tu não te entendes?» Paris, por exemplo, não me interroga, despreza-me. Enquanto que nas cidades de que gosto (Londres, Rio de Janeiro, Barcelona, Praga), sinto-me interrogado. Em toda a parte há bocados de mim.

«JL» — A propósito de bocados de si: no livro há referências a tascas, a tabernas, a bares, mas não a cafés (excepto a dois ou três de outrora), nem a estádios de futebol. Ora o Zé Cardoso Pires andou por cafés e gosta de futebol.

J.C.P. — Eu nunca fui grande frequentador de cafés. Se às vezes me encontrava lá com amigos (o grupo de Carlos de Oliveira, por exemplo), estava cinco minutos e cansava-me. Mas isso já lá vai. Hoje não há cafés. E quanto ao futebol, era preciso que eu fosse um ingénio. Onde é que está o futebol português? Para que é que serve? O prestígio do futebol português é o de meia dúzia de grandes jogadores, que eu admiro, e que estão colocados aqui e acolá. O resto é uma fauna de centenas e centenas de indivíduos: juizes, advogados, políticos e não sei mais quê. Então

não vou falar num livro destes de uma coisa que eu não considero exemplar. Gosto muito de futebol e vou. Ao que há. Não quer dizer que goste ou que isso seja hoje emblemático de uma cidade. Uma coisa que você não notou: não falo de monumentos...

«JL» — Julgo ter percebido porquê: para si, o grande monumento de Lisboa é a cidade.

J.C.P. — Comparada com o Porto, Lisboa tem muito menos monumentos de qualidade. Tirando os Jerónimos, o Aquecimento das Águas Livres, pouco mais tem. A Sé? Logo aqui em Espanha há catorze ou quinze daquelas. Casa do Bicos pela Europa fora há não sei quantas iguazinhas. Então e o pós-moderno... Faz rir.

OPTIMISMO

«JL» — Está-me a dizer isso e no seu livro Lisboa é o paraíso.

J.C.P. — Por acaso isso é bem observado. Mas eu não quis fazer disto uma obra de propaganda. É uma Lisboa que tenho na memória.

«JL» — A sua memória é selectiva. Lisboa é hoje uma cidade algo degradada.

J.C.P. — Menos do que já esteve. Muito menos. Apesar destes gajos estarem a fazer as obras num instante por causa das eleições, Lisboa, na minha opinião, está muito melhor. E muito mais bonita do que foi e eu conheci. Recuperou o Tejo, que pertencia a uma coisa esquisita e idiota, a Administração do Porto de Lisboa. E, com o Tejo, recuperou-se toda a zona das docas. Também os jardins têm mais vida, a população tem outro comportamento, outra cor, outra beleza. É evidente que é uma cidade degradada. É evidente que tem problemas de trânsito terríveis. É evidente que se continuam a cometer crimes e os mais graves, quanto a mim, são da arquitectura. O facto de termos grandes arquitectos não quer dizer que, do ponto de vista plástico, a maior parte das obras que se estão a fazer não seja uma vergonha. Não me vai dizer que alguém é capaz de explicar a beleza daquele pudim com *chantilly* que é o Edifício Marconi, em Entrecampos. Mesmo assim Lisboa é a cidade de que eu mais gosto.

«JL» — Lisboa é hoje uma cidade mestiçada, muito diferente da cidade da sua juventude. Como é que vê esse lado da cidade?

J.C.P. — Tenho impressão que isso é uma coisa que está a ser assimilada a grande velocidade. Assimilada neste sentido: integrada. Claro que não deixa de criar problemas. A estabilização é lenta e não é fácil. Há problemas de habitação, emprego, tudo o mais. Há zonas periféricas (mais baratas) onde os negros vivem, mas não há o espírito de gueto. Isto graças à capacidade dos portugueses de se integrarem e de conviverem. Não quer dizer que não haja o perigo do racismo. O racismo é a coisa mais fácil de criar: basta uns tantos dias de desemprego. Por isso, como fervoroso partidário da luta contra o racismo, estou atento ao problema. Mas não foram placas nem sobrecargas que se colaram à paisagem da cidade, foram novos investimentos. Veja os negros no Rossio: estão lá em grupo, mas não há uma divisão entre brancos e negros, e eles não maculam a paisagem. Não a empobreceram nem a vão empobrecer.

«JL» — Estamos à beira das eleições autárquicas. O que é que propõe para resolver os problemas de Lisboa.

J.C.P. — Primeiro é preciso arranjar fundos

e gente. Depois um presidente da câmara que seja um homem de cultura, com sensibilidade cultural que nos faça amar a cidade por dentro. Por fim técnicos competentes nas suas especialidades. Em suma, deve haver uma relação sentimental dos responsáveis com a cidade. Sem paternalismos, que isso era o consulado Abecasis. Claro que há uma quantidade de defeitos que os autarcas conhecem, todo o aparelho burocrático que atrasa a cidade toda. Qualquer presidente da câmara sabe isso. Não sabe é como resolver, muitas vezes. E seria estultícia da minha parte dizer como é. É como um carro: sei se é bom ou mau, quando o conduzo. Mas não sei construí-lo.

«JL» — Para a Imprensa, os nobelizáveis portugueses são sempre dois: José Saramago e António Lobo Antunes. Não acha que, já agora, a Imprensa também poderia considerar nobelizável um tipo chamado José Cardoso Pires?

J.C.P. — A Imprensa lá tem as suas razões. Durante anos e anos passei a vida a assinar papéis a pedir um Nobel para um escritor português e isso não serviu de nada. De modo que o facto da Imprensa agora prever isto ou aquilo... Uma coisa eu sei: o Prémio Nobel dado a um escritor português de qualidade beneficiava todos os escritores portugueses. Que todos gostariam de ter o Prémio Nobel também é verdade, mas se um ganhar ganhámos todos. De qualquer modo, o critério actual é o dos mais traduzidos e os mais traduzidos são o Saramago e o Lobo Antunes. Eu sou menos. Mas isso não me preocupa nada. Sinceramente.